

Trabalho de educação

Quando se comparam as correntes pedagógicas que, desde as primeiras idades, têm orientado os homens na sua senda educativa, somos levados a distinguir de entre elas duas maiores, em puro antagonismo, das quais tôdas as outras ou são simples derivantes ou afluentes que para o rio principal encaminham suas águas. Esses conceitos dispares, na educação, aparecem-nos em tôdas as épocas da história e formam, por exemplo, na Grécia, o contraste que as simboliza: dum lado o espartano, do outro o ateniense. Pretende o primeiro a formação do indivíduo para qualquer coisa de exterior a si, a fuga mesmo à sua determinação própria e a quasi anulação do que é, do que iria formar-se ou viria a ser, para que se integre no conjunto de fórmulas que constitui o esqueleto mental da época, adquira rigidez física, à espartana, e seja nessa rigidez músculo seguro que mantém mas não cérebro que vibra, inquire, investiga.

A formação educativa é, apenas, o acto de inculcar fórmulas, a função de introduzir conceitos, qualquer coisa de simples armazenar e não o sugestivo gesto de despertar novos raciocínios, de abrir outras clareiras, de edificar conceitos novos, amplos e esclarecidos. Pode tomar-se a velha Grécia como elucídário deste contraste, onde de um lado Esparta formava seus filhos para a vigência da mentalidade coeva que a informava e Atenas, brilhante, naturalista, pagанизada, humana, em réplica a Esparta, pela boca de Tucídides exclamava: «Não educamos os nossos filhos mediante processos de violência, mas deixando que livremente se desenvolvam até se fazerem homens. Amamos e cultivamos o belo sem vã ostentação. Amamos a verdade, tendemos para o conhecimento, sem nos deixarmos ganhar pela moleza ou pela folgança. Somos atrevidos e até temerários, mas a exaltação não nos impede de dar conta do alcance das nossas empresas. Noutros, pelo contrário, o entusiasmo funda-se na falta de educação. Sabemos julgar com exactidão o agradável e o penoso e, não obstante, não nos subtraímos ao perigo».

Há um lado que significa, o próprio fluir da vida, impetuoso, caudaloso, e êsse é o ateniense. Nêle há o respeito pelo mundo que se acolhe em nossos braços e é o porvir que deixamos vivificar-se. Fala-se-lhe do passado não para que o tome como retrato modelar, como figurino a que ajustar-se, mas como sorvedouro de ideias que servem de elementos à construção de outras. Diz-se ao

homem que se conheça, que estude o seu meio, que formule as suas crenças, as suas convicções e que seja cauteloso naquilo que afirma. Dá-se-lhes uma norma e essa é a do esforço raciocinador, a do elementar espírito crítico. A ciência é o seu lema e a especulação não vem de coisas vagas ou insubsistentes mas da própria ciência —conjunto de conhecimentos—lentamente edificada.

Do lado rigorista de Esparta há uma vida que se fossiliza e cujos ímpetos desde logo se abafam. A cegueira das disciplinas envolve os filhos duros em instrumentos, que não aquilatham da realidade do seu ser e que são apenas escalas nas instituições do tempo. O seu critério educativo ou o que a êle se assemelha é, na essência, uma negação de si próprio; anulador da iniciativa pessoal, êle cerra todo o livre caminho ao melhoramento progressivo e é uma repetição indefinida das coisas que o tempo vai fazendo velhas. O outro, pelo contrário, não desprezando a sobriedade, a clareza, a auto-disciplina, deixa sair de si a vida em caudal, porque lhe importa despertar a própria vida.

//

Não esqueçamos o homem, o seu viver, as suas dores, as necessidades tôdas da sua vida. Não desprezemos as suas ambições, os seus sonhos, tôda a gama vãria dos seus anseios. Saibamos que angústias ruins lhe roem o peito, que torturas íntimas o desconcertam, que desgraças internas o perturbam e desconsolam. Que a educação seja construtora de personalidades e que ela vise—como tôdos querem—a edificar tentativas de consciencialização. Que o conceito Kantiano de o homem valendo em si não seja relegado e que tudo se volva para êle.

Para a função educativa—é geral o acôrdo—há que encarar, na actualidade, tôda a profunda revolução das ciências. É necessário que vejâmos o que nos dizem a psicanálise e os conceitos freudistas e tôdas as investigações psicológicas. Temos de estudar a psico-somática e encarar a bio-tipologia. Estamos diante de numerosos problemas tôdos instantes, tôdos a concitar-nos ao trabalho e tôdos a levar-nos à crença tantas vezes proclamada por Abel Salazar de que é necessário um enorme esforço de actualização. Ter a consciência dessa necessidade é caminhar para a sua solução. Há muito que fazer, em boa paz, serenamente, e nêsse trabalho tôdos participam.

J . S O A R E S L O P E S